

“Déficit público é o maior desafio”

Vera Saavedra Durão
do Rio

O déficit público representa o principal desafio a ser enfrentado pelo governo brasileiro, avalia o PhD pela Universidade de Harvard e consultor do Federal Reserve (banco central norte-americano), Thomas Sargent. Ele prega a redução dos gastos para diminuir o déficit, mas admite a necessidade de dispendir mais recursos em áreas prioritárias como a educação. Para o economista, o déficit em conta corrente não é problema, porque o Brasil é um País muito atraente para os investimentos externos. Uma reforma fiscal, no entanto, atrairia ainda mais recursos externos para o País, destaca.

O economista americano, que participou ontem, junto com Albert Fishlow, seu colega de Harvard, e Dionísio Carneiro, da PUC-RJ, do seminário “A estratégia das economias emergentes em um contexto de mercados globalizados”, patrocinado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), mostrou entusiasmo ao falar do Brasil. “Estive aqui em 1985 e vejo agora um novo Brasil, bem melhor”. O seminário despertou interesse entre os empresários fluminenses preocupados com os rumos da economia americana, os ataques especulativos no sudeste asiático e a situação atual da economia nacional.

Indagado sobre os efeitos de uma alta dos juros americanos sobre o Bra-

Thomas Sargent diz que uma reforma fiscal atrairia mais investimentos para o Brasil



Albert Fishlow

sil, Sargent previu de imediato um efeito negativo para a economia brasileira por causa do aumento dos custos da dívida externa. A medida exigiria

do Banco Central uma nova elevação dos juros internos para conter uma possível fuga de capitais. Em contrapartida, a situação do déficit público tenderia a se agravar e haveria desaquecimento da atividade econômica.

Tal cenário, no entanto, poderá não se concretizar no curto prazo, porque Sargent e Fishlow traçaram um quadro favorável para a economia americana nos próximos meses, apesar da rota de desaquecimento no segundo semestre. “O Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos deve crescer 3,2% este ano e 2,8% em 1998”, projetou Fishlow. A inflação não aumentará e alterações nos juros não deverão ocorrer no curto prazo como decidiu o Fed, disse Sargent.

Sargent elogiou a política mone-

tária e cambial do Banco Central brasileiro, adotadas a partir do Plano Real. Considerou, porém, que se o Brasil já tivesse feito uma reforma fiscal seria mais fácil a atual posição da autoridade monetária. “Quando se tem equilíbrio fiscal, não faz muita diferença se adotar uma taxa de câmbio fixa ou flutuante”, declarou. Ao comentar a política de privatização do Brasil, defendeu sua ampliação para os estados.

“Os estados deveriam equilibrar seus orçamentos, privatizando seus ativos e sem pedir dinheiro ao Tesouro Nacional”, declarou. Sargent está convencido de que uma reforma constitucional e administrativa resolveria a pendência. Do déficit público atual de 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB), 1,5% são de responsabilidade de estados e municípios, calcula o consultor do Fed.